

## Estado de São Paulo implanta Semana da Esquistossomose

### *State of São Paulo implants Schistosomiasis Week*

Divisão de Doenças de Transmissão Hídrica e Alimentar:

Centro de Vigilância Epidemiológica “Prof. Alexandre Vranjac”.

Coordenadoria de Controle de Doenças. Secretaria de Estado da Saúde. São Paulo, SP, Brasil

A esquistossomose mansônica, também conhecida como “xistose”, “xistosa”, “xistosomose”, “doença dos caramujos” ou “barriga d’água”, é uma doença parasitária causada por um trematódeo, *Schistosoma mansoni*, com evolução clínica que pode variar desde formas assintomáticas até quadros graves. Praticamente negligenciada pelo fato de cursar de forma prolongada e assintomática, causa fundamentalmente incapacitação nas suas formas mais graves, como a hepato-intestinal, hepato-esplênica e neurológica (mielorradiculopatia) e até óbito. Dados do Ministério da Saúde mostram que a esquistossomose causa, no Brasil, mais óbitos que a dengue, a leishmaniose visceral e a malária\*.

É ainda uma doença de importância em saúde pública em todo o mundo, relacionada principalmente às baixas condições de vida e deficiências no saneamento básico. Sua transmissão depende da existência de hospedeiros intermediários – caramujos de espécies como *Biomphalaria glabrata*, *B. straminea* e *B. tenagophila* –, ocorrendo em locais com despejo de esgoto sem tratamento. Ovos de *S. mansoni* eliminados nas fezes do hospedeiro contaminado eclodem na água de rios, lagoas ou outras coleções hídricas, liberando larvas ciliadas (miracídeos) que infectam o hospedeiro intermediário (caramujo), as quais após 4 a 6 semanas abandonam o caramujo, na forma de cercárias, e permanecem livres nas águas naturais.

O contato humano com águas que contêm cercárias, em atividades de lazer ou de trabalho, é a maneira pela qual o indivíduo adquire

a doença, em média de 2 a 6 semanas após a infecção. Cinco semanas após a infecção o homem pode excretar ovos viáveis de *S. mansoni* nas fezes, permanecendo assim por muitos anos se não for devidamente tratado, constituindo-se em importante fonte de transmissão em locais com saneamento básico deficiente e despejo de dejetos sem tratamento nas coleções hídricas.

O Estado de São Paulo, em seus intensos trabalhos realizados em décadas anteriores e até o presente, conseguiu promover uma redução importante da doença adquirida em suas coleções hídricas. Dessa maneira, atingiu patamares que possibilitam a criação de novas estratégias de impacto para promover a eliminação da autoctonia.

Dessa perspectiva, com a finalidade de aumentar a captação de casos autóctones e importados (pessoas residentes em território paulista, mas que adquiriram a doença em seus Estados de origem), o Centro de Vigilância Epidemiológica “Prof. Alexandre Vranjac” (CVE), por meio da Divisão de Doenças de Transmissão Hídrica e Alimentar (DDTHA) – órgãos da Coordenadoria de Controle de Doenças da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo (SES-SP) – promoverá, a partir de 2009, uma vez por ano a Semana da Esquistossomose. Realizada sempre no mês de maio, a ação é dirigida a escolares e outros grupos populacionais de risco, isto é, indivíduos que residem em áreas de coleções hídricas com caramujos da espécie transmissora da doença e presença de contingentes migratórios procedentes de Estados endêmicos, entre outros aspectos.

\*Óbitos por esquistossomose. Brasil, grandes regiões e unidades federadas, 1990-2007 [dados na internet]. Disponível em: [http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/obitos\\_por\\_esquistossomose.pdf](http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/obitos_por_esquistossomose.pdf).

Este ano, a Semana da Esquistossomose, que será realizada de 25 a 30 de maio, tem como objetivo uma ampla divulgação na mídia sobre a doença, suas formas de transmissão, prevenção e tratamento. Voltada para a população, para os médicos e outros profissionais de saúde, a mensagem evidencia que, embora a esquistossomose ainda exista e pode ser adquirida no Estado de São Paulo, em lagoas e rios que abrigam os caramujos da espécie transmissora, é possível, com algumas ações organizadas, impedir essa transmissão, evitar casos e eliminar a doença autóctone.

Essas ações serão fundamentalmente de caráter educativo, apoiadas pela assistência médica e laboratórios, que nos níveis municipais atenderão, nos postos de saúde, os indivíduos que se expuseram ao risco, realizando ou agendando consultas médicas e solicitando o exame parasitológico que permite o diagnóstico da doença. Além disso, vários municípios darão início, em escolares ou outros grupos populacionais de risco, a inquéritos coproscópicos, com vistas a conhecer melhor a prevalência da doença e poder oferecer tratamento. Em algumas regiões serão inauguradas unidades geosentinelas (unidades de saúde com alguns recursos diagnósticos complementares), que farão a vigilância ativa permanente da

doença, com vistas à identificação precoce dos casos assintomáticos ou outras formas da doença.

Adicionalmente ao apoio da mídia, os níveis locais e regionais serão mobilizados e estimulados a desenvolver atividades educativas, lúdicas e recreativas para divulgação das mensagens sobre a prevenção e tratamento da doença.

O trabalho não se esgota ao final da Semana da Esquistossomose. Os resultados de todas as ações desenvolvidas permitirão avaliar as estratégias de captação de casos, implementar recursos diagnósticos, melhorar a vigilância ativa da doença, concluir levantamentos e mapeamento de problemas ambientais, tais como pontos com focos da esquistossomose, criadouros de caramujos e saneamento deficiente. E, ainda, elaborar alternativas para atuações definitivas para a interrupção da transmissão da doença, com a certificação em futuro breve dos municípios que alcançarem a eliminação da autoctonia da esquistossomose.

Além da DDTHA, a iniciativa conta com a participação de diversas instituições vinculadas à Secretaria da Saúde de São Paulo e de outros órgãos do governo estadual, do Ministério da Saúde e de representantes das comunidades locais.

**Correspondência/Correspondence to:**

Maria Bernadete de Paula Eduardo  
Divisão de Doenças de Transmissão Hídrica e Alimentar  
Av. Dr. Arnaldo, 351 – 6º andar  
CEP: 01246-000 – São Paulo/SP – Brasil  
Tel.: 55 11 3066-8758  
E-mail: meduardo@saude.sp.gov.br